



VIOÊNCIA

PM suspeito de matar delator do PCC é preso

Cabo Denis Antonio Martins foi detido preventivamente, com mais 14 agentes, pelos disparos que mataram Vinícius Gritzbach, pouco depois de desembarcar em Guarulhos. Os demais policiais trabalhavam na segurança particular do empresário

» VANILSON OLIVEIRA
» IAGO MAC CORD*
» VITÓRIA TORRES*

O cabo da Polícia Militar paulista Denis Antonio Martins, de 40 anos, foi preso ontem pela suspeita de ser o assassino de Vinícius Lopes Gritzbach, que fechou com a Justiça um acordo de delação para entregar detalhes das operações do Primeiro Comando da Capital (PCC). Ele foi identificado por meio do cruzamento de imagens de câmeras de segurança.

O crime aconteceu à luz do dia, em novembro passado, minutos depois de o empresário ter desembarcado no Aeroporto Internacional de Guarulhos (SP). Junto com Denis, outros 14 PMs foram presos preventivamente por fazerem segurança particular para Gritzbach.

As detenções são desdobramento da investigação conduzida pela Corregedoria da PM paulista contra a corrupção dentro da corporação. A operação tenta dismantlar uma rede de policiais suspeitos de vazarem informações sigilosas para o PCC, considerada a maior facção criminosa do país.

Gritzbach era acusado de manipular esquemas de lavagem de dinheiro para o PCC e, no acordo com o Ministério Público de São Paulo (MP-SP), entregou nomes de integrantes da facção e de policiais envolvidos com o crime organizado.

Segundo o secretário de Segurança Pública do estado, Guilherme Derrite, os PMs presos devem ser expulsos, caso sejam confirmadas as culpas de cada um. "Desvios de conduta não serão tolerados. A PM é uma instituição com mais de 80 mil homens. A exceção da exceção comete desvio de conduta e pode manchar o nome da instituição. Vão responder por isso, com direito à ampla defesa. Mas vão responder", afirmou.

A delegada Ivalda Aleixo, diretora do Departamento Estadual de Homicídios e Proteção à Pessoa, afirmou que, com a prisão de Denis, a investigação para se chegar ao mandante do assassinato ganha velocidade. "Temos quebras (de sigilo telefônico) que

Miguel Schincariol/AFP



Assassinato de Gritzbach foi cometido à luz do dia. Matadores fugiram da cena do crime, mas imagens de câmeras de segurança ajudaram na identificação

PCSP/Divulgação



Segurança do delator do PCC vinha sendo feita por policiais

nos levam a outras pessoas, que não são policiais militares. Quanto aos mandantes, temos duas linhas de investigação, ambas (consideram que seria integrante) de facção. Foi um crime encomendado por membros do PCC e temos linhas adiantadas de investigação", destacou.

O foco da operação desfechada ontem ampliou-se quando a Corregedoria da PM descobriu que a morte de Gritzbach estava diretamente relacionada a uma rede de corrupção dentro da corporação. Policiais da ativa e da reserva são apontados com responsáveis pelo vazamento de informações estratégicas para o PCC. Isso permitia que os criminosos se antecipassem às ações da polícia — e evitar prisões e apreensões de armas, dinheiro ilegal e drogas.

Denúncia anônima

A apuração começou no momento em que uma denúncia anônima, recebida em março de 2024, denunciou que PMs tinham montado um esquema para o vazamento de informações sigilosas. Meses depois, em outubro, novas informações surgiram, incluindo fotos que mostravam policiais militares fazendo escolta para Gritzbach em uma audiência no Fórum da Barra Funda. Isso levou

a Corregedoria da corporação a aprofundar a investigação.

Assim surgiu a confirmação de que Gritzbach usava PMs para a escolta privada, prática que revelou a relação entre policiais militares e o PCC. O corregedor da PM, coronel Fábio Sérgio do Amaral, explicou que estava claro que os agentes sabiam que o delator era réu por duplo homicídio de chefes da facção e de ter envolvimento com lavagem de dinheiro.

"Tinham conhecimento disso e, voluntária e conscientemente, aderiram e continuaram fazendo segurança pessoal desse indivíduo. Por isso, foram considerados integrantes da organização criminosa. Os que estavam na escolta foram presos e alguns estavam trabalhando naquele dia (do assassinato). Outros trabalharam em outras datas", salientou.

Amaral frisou que, entre os presos ontem, um tenente era responsável por chefiar a segurança pessoal de Gritzbach e outro tenente facilitava as escalas de serviço de seus subordinados, "com a consciência de que



Tinham conhecimento disso e, voluntária e conscientemente, aderiram e continuaram fazendo segurança pessoal desse indivíduo (Gritzbach). Por isso, foram considerados integrantes da organização criminosa"

Fábio Sérgio do Amaral, corregedor da PM paulista

faziam segurança para um banido". O corregedor destacou que o grupo de PMs também utilizava carros que imitavam uma viatura descaracterizada da corporação.

Ataques nas eleições

A 35ª edição do relatório anual da ONG Human Rights Watch (HRW), divulgado ontem, aponta retrocessos em diversas partes do planeta e destaca o avanço do autoritarismo, o crescimento das desigualdades e a intensificação de conflitos políticos e sociais, com impactos severos nas populações mais vulneráveis. No que se refere ao Brasil, ganhou destaque a violência política nas eleições municipais de 2024 — que registraram 373 casos durante a campanha, mais do que o dobro das 63 ocorrências registradas em 2020.

Além disso, foram relatados ataques diretos à imprensa, com mais de 47,8 mil episódios identificados de agressão verbal a jornalistas nas redes sociais. Segundo a HRW, esses números evidenciam os riscos enfrentados pelos profissionais de mídia em um ambiente político marcado pela polarização.

A letalidade policial continua sendo uma questão crítica no Brasil. Até setembro de 2024, 4.565 pessoas foram assassinadas pela polícia, sendo 80% delas negras, o que reforça preocupações relacionadas ao racismo estrutural e ao uso desproporcional da força. Por outro lado, o relatório apontou uma redução de 5% nas mortes violentas intencionais no mesmo período, indicando algum progresso na segurança pública.

Outro ponto destacado pelo documento foi o aumento dos conflitos no campo. Em 2023, o Brasil atingiu um recorde de 2.203 disputas por terra e água, afetando diretamente 950 mil pessoas. Esses conflitos, segundo a HRW, deixam claro o impacto da desigualdade fundiária e a luta por recursos essenciais em áreas rurais.

Meio ambiente

No cenário ambiental, o Brasil teve uma redução de 31% no desmatamento da Amazônia, entre agosto de 2023 e julho de 2024, em comparação com o mesmo período anterior. Esse dado foi reconhecido como um avanço importante no primeiro ano do governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

No entanto, a HRW reconheceu que o Brasil avançou em áreas como a preservação ambiental e a proteção de direitos digitais de crianças e adolescentes. O relatório reforça que esses progressos precisam ser acompanhados de políticas públicas abrangentes.

Em relação ao restante dos países, o relatório evidenciou o aumento da repressão contra ativistas, opositores e jornalistas em regimes autoritários. A HRW destacou que muitos governos têm mostrado resistência em defender os mais pobres, o que contribui para a perpetuação de desigualdades e a fragilização das normas internacionais de direitos humanos.

Para Tirana Hassan, diretora-executiva da HRW, "proteger as populações vulneráveis exige mais do que declarações. É preciso ação coordenada e comprometimento real com os direitos humanos". (VO)

Madrugada de terror em Porto Velho: oito mortos

» JULIANA SOUSA*

Oito pessoas foram mortas, na madrugada de ontem, em Porto Velho, em mais uma noite de confrontos entre a facção criminosa Comando Vermelho (CV) e a polícia. A maioria era de pessoas surpreendidas durante as ações violentas, que marcaram a terceira noite de conflitos intensos na capital de Rondônia.

Desde o início da semana, confrontos resultaram em mortes, prisões e na destruição de mais de 20 veículos, incluindo ônibus das linhas de transporte da capital. Na quarta-feira, 14 pessoas foram baleadas e seis delas morreram — entre eles, dois clientes de um bar e um ciclista, além de dois integrantes do CV em confronto com policiais.

Os ataques são uma retaliação às ações da Operação

Aliança Pela Vida, Moradia Segura, deflagrada no final de 2024 para retomar condomínios da capital rondoniense dominados pelo crime organizado. O saldo até agora é a morte de um dos chefes da facção, a recuperação de 70 apartamentos ocupados ilegalmente, a apreensão de armas e drogas, além da mobilização de 200 policiais na segunda fase da operação — iniciada após o assassinato do cabo Fábio Martins, da Polícia Militar, no domingo passado.

A retaliação dos bandidos incluiu incêndios de mais de 10 ônibus e ameaças a trabalhadores. Isso levou à suspensão do transporte público por dois dias, que voltou a funcionar parcialmente na quinta-feira sob escolta do aparato público de segurança. Segundo a Polícia Militar, os ataques nas madrugadas têm

como objetivo desviar a atenção das autoridades das operações nos condomínios.

O Ministério da Justiça e Segurança Pública enviou a Força Nacional a Porto Velho para apoiar as forças locais. A tropa, que permanecerá por 90 dias, chegou acompanhada de reforços de estados vizinhos, como Acre, Amazonas e Mato Grosso — que enviaram equipes e um helicóptero para fortalecer as operações.

Desde o início das incursões, mais de 20 suspeitos de integrem o CV foram presos e aproximadamente 350 abordagens a suspeitos. As autoridades de Rondônia afirmaram que as operações continuarão até que a segurança seja restabelecida em Porto Velho.

* Estagiários sob a supervisão de Fábio Grecchi

Reprodução/Redes sociais



Segundo as autoridades, mais de 20 veículos foram incendiados